



RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PIBID/GEOGRAFIA/UFS: APLICANDO A ROTAÇÃO POR ESTAÇÕES NO ENSINO DE GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO DO CENTRO DE EXCELÊNCIA PROFESSORA OFENÍSIA SOARES FREIRE

Lucas Rodrigo Moreira ¹

Isabel Santos Andrade ²

Victor Leonards Ferreira dos Santos ³

Judson Augusto Oliveira Malta ⁴

Márcia Eliane Silva Carvalho ⁵

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo relatar a experiência de aplicação da metodologia ativa Rotação por Estações com as turmas 1ª A, B e C do Ensino Médio do Centro de Excelência Professora Ofenísia Soares Freire. A atividade teve como finalidade aplicar a proposta de rotação por estações ao ensino de geografia visando ampliar o aprendizado, desenvolvida pelos pibidianos sob a supervisão do professor, abordando os conteúdos de tempo geológico e relevo terrestre. A proposta foi estruturada em três estações de aprendizagem (Estação Vermelha – tempo geológico x tempo histórico; Estação Laranja – os movimentos tectônicos; Estação Verde – estrutura interna e externa da Terra), onde um vídeo temático foi exibido seguido de atividades avaliativas, integrando recursos tecnológicos e estratégias para a aprendizagem significativa. O embasamento teórico fundamentou-se nas metodologias ativas de aprendizagem, que, segundo Moran (2015), promovem maior engajamento e protagonismo dos estudantes. Como resultados, observou-se um aumento significativo no interesse dos alunos pelos conteúdos, melhoria na colaboração entre os participantes e fortalecimento do trabalho em equipe. A experiência demonstrou a eficácia da metodologia ativa na diversificação do ensino, reforçando a importância de práticas pedagógicas inovadoras para tornar as aulas mais atrativas, significativas e adequadas às demandas da educação contemporânea.

Palavras-chave: Rotação por Estações; Metodologias Ativas; ensino de Geografia; Aprendizagem Significativa.

INTRODUÇÃO

¹ Graduando no Curso de Geografia pela Universidade Federal de Sergipe - UFS, lucasrodrigomoreira16@gmail.com;

² Graduanda no Curso de Geografia pela Universidade Federal de Sergipe - UFS, isabelandrade162012@gmail.com;_

³ Graduando no Curso de Geografia pela Universidade Federal de Sergipe - UFS, ferreiradosantosvictorleonard@gmail.com;

⁴ Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe - UFS, judson.malta@ifs.edu.br;

⁵ Professora Orientadora: Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe - UFS, marciacarvalho@academico.ufs.br.





O presente artigo tem como objetivo relatar a experiência vivenciada no âmbito do edital 2024-2026 do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado a Universidade Federal de Sergipe (Campus São Cristóvão) e realizada no Centro de Excelência Professora Ofenísia Soares Freire, com as turmas 1ª A, B e C do Ensino Médio em tempo integral. A referida experiência corresponde a aplicação da metodologia ativa Rotação por Estações, que abordou os conteúdos de tempo geológico e relevo terrestre.

O Centro de Excelência Professora Ofenísia Soares Freire está localizado na Rua M, nº 198, Conjunto Augusto Franco, Bairro Farolândia, Aracaju – SE, CEP 49030-100. A unidade está vinculada administrativamente à Rede Estadual de Ensino e inserida na circunscrição da Diretoria de Educação de Aracaju (DEA). Possui uma área total de 3.372,07 m², sendo 1.685 m² de área construída, 648 m² destinados à quadra poliesportiva e 40,34 m² em área de ampliação. Foi criada como Escola de 1º Grau Profª Ofenísia Soares Freire através do decreto nº 5320 em 10 de maio 1982, em homenagem a uma professora que muito contribuiu com a sociedade sergipana através da sua atuação expressiva na educação pública e nos movimentos sociais da época, a então sergipana Ofenísia Soares Freire (PPP, p. 5, 2024).

A proposta pedagógica surgiu da intenção de unir metodologias ativas e recursos tecnológicos ao ensino de Geografia, buscando promover uma aprendizagem significativa. Este conceito, amplamente defendido pelo educador Paulo Freire, entende a educação como um ato coletivo e consciente, que valoriza as experiências dos educandos para, a partir delas e dos conteúdos escolares, formar sujeitos críticos, cidadãos, capazes de compreender e transformar a realidade. Conforme aponta Freire (1996), “a educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo”.

Nesse mesmo sentido, Brandão (2007) destaca que ninguém escapa da educação, porém nossa sociedade se encontra marcada por transformações constantes, onde o desafio de educar exige o uso de novas metodologias, metodologias ativas capazes de despertar o encantamento e o envolvimento dos alunos no processo de aprendizagem. Não se concebe mais, na contemporaneidade, o modelo de “educação bancária” que ignora os sujeitos como portadores de saberes e experiências. Pelo contrário, é primordial que o processo educacional aconteça por meio da troca de aprendizagens entre todos os protagonistas educacionais (professores e alunos, escola e família), com a devida valorização do diálogo e da escuta na mediação pedagógica como fundamentos do processo educativo.

Segundo Moran (2015), as metodologias ativas de aprendizagem promovem maior engajamento e protagonismo dos estudantes. Este aspecto foi constatado na aplicação da Rotação por Estações com as turmas do primeiro ano do ensino médio, estruturada em três





estações de aprendizagem: Estação Vermelha – tempo geológico x tempo histórico; Estação Laranja – os movimentos tectônicos; Estação Verde – estrutura interna e externa da Terra. Em cada uma delas, os estudantes assistiram a um vídeo temático e, em seguida, realizaram atividades.

A experiência evidenciou a eficácia da metodologia ativa na diversificação do ensino, reforçando a importância de práticas pedagógicas inovadoras para tornar as aulas mais atrativas, dinâmicas, significativas e alinhadas às demandas da educação contemporânea.

METODOLOGIA

A metodologia adotada baseou-se na aplicação da estratégia Rotação por Estações, voltada ao ensino dos conteúdos Tempo Geológico e Relevo Terrestre em 3 turmas do primeiro ano do ensino médio — 1º A, B e C —. Essa dinâmica consistiu na organização de três estações temáticas e complementares, em que os estudantes se revezaram de forma planejada para vivenciar todas as etapas da atividade. Cada estação foi estruturada com base no uso de recursos tecnológicos e audiovisuais, articulando teoria e prática por meio de diferentes linguagens de aprendizagem. O tempo total destinado à execução das três oficinas foi de aproximadamente 4 horas e 30 minutos, sendo aproximadamente 1 hora e 30 minutos para cada uma das 3 turmas.

Na primeira oficina, as estações foram diferenciadas por cores, temas e espaços físicos distintos — sala de aula, biblioteca e laboratório de informática —, abordando, respectivamente, os conteúdos Tempo Geológico x Tempo Histórico, Movimentos Tectônicos e Estrutura Interna e Externa da Terra. Em cada estação, os estudantes assistiram a vídeos explicativos e realizaram atividades avaliativas imediatas, com o objetivo de reforçar os conceitos apresentados e estimular a interação entre os participantes. A proposta priorizou a utilização de mídias digitais e o uso pedagógico das tecnologias como forma de diversificar o processo de ensino-aprendizagem.

A segunda e a terceira oficinas mantiveram a mesma estrutura metodológica, com pequenas adaptações em função das turmas envolvidas. Nessas aplicações, foram incorporadas ferramentas interativas, como Kahoot e Mentimeter, utilizadas para a realização de quizzes e a criação de nuvens de palavras relacionadas aos conteúdos geográficos. As atividades foram organizadas em ciclos de rotação entre as estações, permitindo aos estudantes o contato com diferentes abordagens — leituras dirigidas, vídeos educativos e demonstrações práticas — de





modo a integrar conteúdos teóricos e situações geográficas contemporâneas. Assim, o conjunto das oficinas seguiu uma metodologia ativa e participativa, fundamentada na aprendizagem significativa e na mediação tecnológica como instrumento de construção do conhecimento em Geografia.

REFERENCIAL TEÓRICO

Lana Cavalcanti (2010) analisa os desafios do ensino de Geografia na escola básica contemporânea. Para tanto, pontua alguns questionamentos sobre as principais preocupações dos professores em sua prática pedagógica, destacando a recorrência de dúvidas quanto a “estratégias” e “procedimentos” capazes de despertar o interesse dos alunos e demonstrar a relevância da Geografia em suas vidas, aproximando o conteúdo escolar da espacialidade vivida no cotidiano.

A autora evidencia a tensão entre práticas conservadoras, marcadas por rituais repetitivos no ensino tradicional, e tentativas de inovação que buscam promover a aprendizagem significativa. Destaca que não existe uma “receita pronta” para garantir um bom ensino, mas identifica três eixos centrais das preocupações docentes: a expectativa por motivação, as condições de trabalho e a especificidade da aprendizagem em Geografia.

No primeiro eixo, observa que muitos professores atribuem aos alunos a responsabilidade pela motivação, negligenciando seu próprio papel na mediação didática. É fundamental que o professor esclareça a relevância do conteúdo, orientando e intervindo nas motivações dos estudantes.

O segundo eixo refere-se às condições de trabalho, sobretudo em escolas públicas, marcadas por estereótipos de precarização. A autora ressalta a necessidade de compreender o compromisso docente com a transformação desse espaço e defende que melhores condições devem ser conquistadas coletivamente. O trabalho do professor, consciente ou não, sempre está vinculado a um projeto de formação, de sociedade e de humanidade.

O terceiro eixo aponta a dificuldade relatada por muitos professores em atrair os alunos para os conteúdos da disciplina. A autora problematiza tal assertiva: se a Geografia lida com questões da espacialidade vivida no cotidiano, por que os estudantes não demonstram interesse? Nesse ponto, reafirma a importância da mediação didática e da reflexão sobre a contribuição da Geografia para a vida dos alunos.





José Moran (2015) defende que aprendemos ao longo da vida por meio de situações concretas e ideias, e critica a predominância das metodologias dedutivas, centradas na transmissão teórica do professor. O autor destaca que a aprendizagem por questionamento e experimentação favorece maior compreensão, corroborada por estudos da neurociência, que comprovam a importância do contexto, da relevância e da significatividade para o estudante. Nesse sentido, ressalta a necessidade de superar o modelo escolar baseado apenas em transmissão e avaliação de informações.

Moran enfatiza ainda que a aprendizagem profunda requer prática frequente (aprender fazendo), estímulo multissensorial, valorização dos conhecimentos prévios e, sobretudo, orientação do professor.

Acerca do termo metodologia ativa para José Moran “a ênfase na palavra ativa precisa estar sempre associada a aprendizagem reflexiva, para tornar visíveis os processos, os conhecimentos e as competências do que estamos aprendendo em cada atividade”. Ademais o autor define metodologias como diretrizes que se concretizam em estratégias e técnicas variadas, reafirmando que as metodologias ativas colocam o estudante como protagonista, em um processo reflexivo, flexível, participativo, interligado e híbrido.

Moran afirma que o papel do professor é cada vez mais amplo e complexo, “Tanto os docentes como as escolas não podem contentar-se em ser trampolim para outros níveis de ensino (p. ex. para que os alunos passem no Enem ou no vestibular), mas realizar em cada etapa todas as possibilidades de cada um”. O envolvimento dos estudantes cresce quando percebem a utilidade do que aprendem em sua vida. Ele adverte, entretanto, que a transformação da escola não é simples: exige formação docente continuada, reorganização curricular e enfrentamento de resistências.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aplicação da metodologia ativa Rotação por Estações mostrou-se bastante eficaz no ensino de Geografia, sobretudo por despertar maior engajamento e participação dos estudantes nas turmas de 1º ano do Ensino Médio. A alternância entre as estações, o uso de recursos tecnológicos — como vídeos, o Kahoot e o Mentimeter — e a proposição de atividades práticas e colaborativas contribuíram para tornar o aprendizado mais dinâmico e significativo.

Os resultados observados indicaram melhora na interação entre os alunos, maior disposição em participar das atividades e melhoria na compreensão dos conteúdos relacionados a temática tempo geológico e relevo terrestre. As turmas apresentaram níveis variados de



envolvimento, mas, de modo geral, constatou-se que as estações que faziam uso de ferramentas digitais despertaram maior interesse, especialmente o Kahoot, que promoveu uma competição saudável e colaborativa entre os grupos.

A discussão dos resultados confirma o que defendem Moran (2015) e Cavalcanti (2010): a aprendizagem torna-se mais profunda quando o aluno é protagonista e participa ativamente da construção do conhecimento. Também se evidencia a relevância do uso consciente das tecnologias digitais, que, quando bem integradas à metodologia, ampliam as possibilidades de mediação e de interação em sala de aula. Assim, a experiência reafirma que as metodologias ativas são instrumentos potentes para aproximar o conteúdo geográfico da realidade vivida pelos estudantes, contribuindo para a formação crítica e cidadã.

A seguir, fotos dos momentos de realização da Rotação por Estações com as turmas 1ª A, B e C do Ensino Médio do Centro de Excelência Professora Ofenísia Soares Freire.

Figuras 1 e 2: Estação sobre Estrutura Interna e Externa da Terra



Fonte: Acervo pessoal (2025)

Figuras 3 e 4: Estação sobre Tempo Geológico e Tempo Histórico



Fonte: Acervo pessoal (2025)





o desenvolvimento de habilidades cognitivas e socioemocionais. Para nós licenciandos envolvidos, a prática representou um importante espaço formativo, permitindo a reflexão sobre

o papel do professor como mediador e facilitador do processo de aprendizagem.

Portanto, a aplicação da Rotação por Estações demonstrou ser uma estratégia eficaz no ensino de Geografia, especialmente quando articulada a uma perspectiva crítica e reflexiva, em sintonia com as ideias de Paulo Freire (1996) sobre a educação libertadora e transformadora. Reforça-se, assim, a necessidade de continuar explorando metodologias que valorizem a participação ativa dos estudantes, consolidando uma prática docente que una teoria e tecnologia.

REFERÊNCIAS

BRAICK, Patrícia Ramos et al. Moderna Plus Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: Natureza em Transformação. São Paulo: Moderna, 2020.

BRANDAO, Carlos Rodrigues. O que é educação. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos; 20).

CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. In: ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte. [s.n.], novembro de 2010.

CENTRO DE EXCELÊNCIA PROFESSORA OFENÍSIA SOARES FREIRE. Projeto Político Pedagógico. Aracaju-SE, 2024.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

MORAN, José Manuel. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, Lilian; MORAN, José Manuel (org.). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2015. p.1-23

